



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 36

Bicharada

Branca Vianna: Esse é o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Tem uma história sobre um julgamento que aconteceu no século 18, num mosteiro no Maranhão. Os réus estavam lá pra ser julgados por terem roubado comida da despensa dos frades desse mosteiro. E o jeito que eles armaram esse roubo – basicamente escavando o porão – tinha deixado a estrutura do prédio tão frágil que uma parte inteira dele estava prestes a afundar.

Bom, e os réus eram bem conhecidos. Todo mundo sabia quem tinha feito isso, não tinha dúvida. Então o que faltava era fazer justiça.

Os frades prestaram depoimentos sobre o dano que tinha sido feito, sobre como esse dano tinha comprometido o funcionamento do mosteiro e tal... mas os réus não falaram nada. Na verdade, eles nem compareceram. Porque quem estava sendo processado ali eram... formigas.

Segundo uma versão da história, eram formigas vermelhas, mas eu não sei se isso faz muita diferença. De qualquer forma, eram formigas que tinham invadido o porão e comido a farinha dos frades.

E, como os serviços de dedetização não eram lá essas coisas no século XVIII, e os frades deviam tá um pouco entediados, eles resolveram organizar esse julgamento.

O advogado das formigas – porque elas tinham o advogado delas – usou uns argumentos fortes.

Ele dizia que elas tinham chegado primeiro, bem antes dos frades, então não era justo dizer que elas é que tinham invadido aquele lugar. E também que elas tinham direito à comida, como qualquer ser terrestre. Inclusive – ele disse – as formigas estavam trabalhando muito mais do que os frades, que só andavam por ali pedindo esmolas, sem escavar túnel nenhum.

O juiz ouviu as réplicas e as tréplicas. E, no fim, ele tentou chegar a uma solução que fosse justa pra ambas as partes. Ele mandou as formigas saírem do mosteiro e ir morar em outro lugar, ali perto – porque elas tinham direito à moradia... só não aquela. Se elas não saíssem do mosteiro, elas iam ser excomungadas.

E, assim que saiu a sentença, as formigas meteram o pé. Milhares e milhares delas, numa marcha organizadinha, levando os petiscos que elas tinham acumulado, pra tentar a vida em outro canto.

Ok, eu imagino que se até agora você não estava desconfiando da veracidade dessa história... essa conclusão é realmente complicada de engolir. Parece que a história surgiu com o padre Manuel Bernardes, que era um português que nunca saiu de Portugal – nunca tinha posto os pés no Maranhão, onde se passa a história –, e o mais provável é que as formigas obedientes tenham saído da cabeça dele, mesmo.

Mas essa fanfic – além de fazer a gente parar pra refletir um pouco na próxima vez que for tentar enxotar umas formigas da despensa – vai no coração de um problema bem antigo: o jeito que a gente vê os animais. Os animais não-humanos, né? Parece que ou a gente personifica – a ponto de achar que tudo quanto é bicho tá pensando igual a gente –, ou a gente acha que o homo sapiens desbloqueou todas as habilidades cognitivas

possíveis, e os outros seres tão só tateando no escuro. Não é nem um nem outro, claro. Mas a gente vive nesse pêndulo. E a linha que a gente traça entre a humanidade e a bicharada tá sempre sendo desafiada. Redesenhada. Apagada e reescrita.

Quem conta a primeira história do episódio de hoje é a Natália Silva.

ATO 1

Natália Silva: Tem uma coisa que me guia em tempos difíceis. Em momentos em que acontecem coisas que me fazem pensar... deus, por que? Não tinha outra pessoa pro senhor sacanear hoje?

O que me motiva nessas horas é pensar que histórias ruins de viver são boas de contar.

Quanto pior for passar por aquilo, maior o potencial de render um bom romance. Digno de adaptação pra roteiro pra cinema, série, podcast... eu já imagino até o vestido que eu vou usar no Oscar. Tudo ali, enquanto a coisa ainda está se desenrolando. Em momentos difíceis, tem quem recorre a Deus. Eu apelo pra imaginação.

Pode me achar meio doida... mas a imaginação dá uma outra camada pra vida. É uma forma de encontrar significado nas coisas, por mais esquisitas que elas sejam. E a história que eu vou te contar agora é uma prova disso.

Mariana Vieira: Olha, eu ainda estou tentando entender, Natália, não vou mentir para você não, assim... que história doida.

Natália Silva: Essa é a Mariana Vieira. Assim como eu, ela é jornalista. E, assim como eu gostaria de ser, ela é escritora.

Mariana Vieira: E eu leio bastante, leio muito...

Natália Silva: E, quando essa história doida aconteceu, a Mariana tava lendo um livro. Um livro físico, de papel. Ela estava gostando, era um livro grande e tal... então ela ficou um tempo longe de outros livros. E de um aparelho onde moram muitos livros: o Kindle dela, um leitor digital vendido pela Amazon. Aí o livro que a Mariana estava lendo acabou, e ela foi lá pegar o Kindle dela na prateleira. Ele estava sem bateria. Até aí, normal, né. Fazia tempo que ela não usava.

Mariana Vieira: E fui colocar para carregar, e num estava indo assim, estava um pouco piscando a luzinha, não estava... parecia que não estava bem conectado, mal contato, alguma coisa. E aí nisso eu resolvi fazer o que qualquer brasileiro, qualquer pessoa de 30 e poucos anos que cresceu com Game Boy, fitinha e tudo, faz né, que é soprar a fita.

Natália Silva: Soprar a fita: a saída pra todo e qualquer problema de uma criança nos anos 90, junto com desligar e ligar na tomada. A Mariana assoprou o único buraquinho do Kindle, que é a entrada do carregador.

Mariana Vieira: E quando eu fiz isso... Deu um pouquinho assim e começou a sair uma formiga, depois duas, depois milhares, um monte.

Natália Silva: Uma, duas, muitas, milhares de formiguinhas saindo de dentro do Kindle. As primeiras eram escuras, maiorzinhas, mas depois vieram formiguinhas bem pequenininhas, meio albinas. Os filhotes.

Mariana Vieira: parecia uma cena totalmente assustadora, assim, filme de terror.

Natália Silva: A Mariana pegou o Kindle-formigueiro, botou do lado de fora de uma janela e deixou ali.

Mariana Vieira: E falei: "Não, a Marina do futuro vai lidar com isso, eu não vou". E fui trabalhar... e tô ali no computador e tal, escrevendo tudo, e daqui a pouco chega uma notificação no meu celular e no e-mail, né? "Parabéns pela compra da Amazon" e tudo... e eu falei: "Uai"...

Natália Silva: Primeiro, ela falou com a irmã, que usa o cartão dela às vezes, "Ei, você comprou um negócio na minha conta da Amazon". A irmã falou: "Não... não comprei".

Mariana Vieira: E eu falei "eu também não comprei, será que hackearam a minha conta? Aí, quando eu abri o e-mail que eu vi que era um livro. "Os Robôs e o Império". Eu falei: "Uai, um livro? Alguém, alguém entrou na minha conta, hackeou para comprar um livro?" Ok.

Natália Silva: Tem louco e ladrão pra tudo, né. Um tempo depois, a Mariana voltou pra perto daquela janela onde ela tinha deixado o Kindle.

Mariana Vieira: Aí quando eu voltei para o meu quarto e vi o Kindle ali... ainda estava saindo formiga, um pouco menos, mas estava ali, né, um monte de formiga. Aí eu olhei e estava numa tela de compra. E era compra desse livro.

Natália Silva: As formigas tinham comprado o livro. O e-book, na verdade, porque no Kindle você consegue acessar a biblioteca de livros digitais disponíveis na Amazon e fazer a compra com poucos cliques. Tão poucos cliques que até com perninhas pequenininhas as formigas conseguiram comprar "Os Robôs e o Império", do Isaac Asimov.

Mariana Vieira: E aí que eu me toquei, falei "cara, talvez seja porque as formigas estão por dentro, andando e tomando decisões sobre a humanidade", não sei, fiquei um pouco... E fiquei – não. Fiquei preocupada. Aí fui abrir lá a sinopse desse livro, vi que era uma série de quatro livros, esse não sei se o terceiro ou o quarto, de uma história lá de distopias, de ficção científica mesmo, assim...

Natália Silva: A sinopse começa com uma pergunta: "Eles se parecem conosco, mas são como nós?" "Eles" são os robôs, né. "Nós", os humanos. "Robôs e o Império" é o último livro de uma série escrita pelo Isaac Asimov, que focou a obra toda dele na interação entre humanos e robôs, e nos conflitos morais que surgiam a partir daí.

O Asimov é meio que o pai desse tipo de literatura. Pra você ter uma noção, ele foi autor de três leis da robótica. Não leis de verdade, tipo leis da física, mas princípios que ele idealizou pra limitar o comportamento dos robôs que protagonizavam os livros que ele escrevia. Regras de como os robôs deviam funcionar.

Tem outros escritores do gênero que seguem essas leis até hoje. A primeira diz que um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra algum mal.

A segunda diz que um robô deve obedecer às ordens que ele recebe de seres humanos, exceto se essa ordem contrair a lei número 1. A terceira lei diz que um robô deve proteger a existência dele próprio, desde que isso não entre em conflito com as outras duas leis.

Ou seja... em ordem de prioridade, o robô tem que proteger seres humanos, obedecer seres humanos e proteger a própria existência. Era esse autor que as formigas tinham escolhido ler.

Mariana Vieira: "Bom, será que elas sabem alguma coisa que eu não sei? Isso é um recado? O que está acontecendo aqui?" Meio bizarro, né? Tanto livro pra comprar... Olha, é um bichinho... para falar a verdade, eu sempre tive um pouquinho de medo dessa história de formiga, assim, de infestação por formiga, cupim também, esses animaizinhos que são pequenos, mas que em quantidade têm muita força.

Natália Silva: Antes que o problema piorasse, a Mariana decidiu recorrer pro equivalente de soprar a fita do mundo moderno: ela jogou "Kindle" e "formigas" no Google, pra ver se alguém tinha alguma dica de como lidar com o problema.

Mariana Vieira: Procure em inglês, e aí o pessoal dando sugestões... de "coloca cravo por perto", porque as formigas não gostam do cheiro do cravo e aí elas vão sair. Aí falei— bom, coloquei cravo, depois não adiantou muito, aí... "Ah isola o Kindle, assim", aí coloquei longe. Depois

eu fiquei pensando: "Não, mas aí elas vão sair de lá e vão para onde? Vão pra outra coisa, pra outro livro, não sei..." Aí vi assim – o pessoal falou: "Ah, coloca no arroz, porque igual quando o celular molha..." Colocar cravo porque as formigas não gostam do cheiro... não rolou. Isolar o Kindle... não sei qual a lógica, mas não funcionou também. O super-trunfo da salvação de eletrônicos: botar no arroz ou porque vai – falou: "Ah, se elas estão dentro, está molhado, está úmido dentro". Aí eu falei: "Meu deus, tá úmido dentro". Coloquei num pote cheio de arroz, cheio de arroz...

Natália Silva: Nada abalava as formigas. Elas continuavam lá dentro, andando pra lá e pra cá... e comprando livro.

Mariana Vieira: E aí nesse meio tempo, elas fizeram a compra de um segundo livro... Um livro mais cabeça que o primeiro. Era "O anel de Giges: Uma fantasia ética", escrito pelo economista Eduardo Gianetti. Eu vou explicar o livro bem resumidamente, tá? Ele parte da fábula de Giges, que tá na obra do Platão. É uma fábula sobre um camponês que encontra um anel que deixa ele invisível. Aí o Gianetti reflete sobre o comportamento humano pra além da moral e dos bons costumes, pensando no que a gente faria se pudesse ficar invisível. Eu falei: "Gente, o que está acontecendo aqui? Meu Deus! Qual é a mensagem disso tudo?" Como as formigas acharam esses dois livros vai ser pra sempre um mistério. A Mariana não pagou pra ver qual era a próxima escolha das bichinhas. Ela desativou a modalidade de compra em um clique na Amazon, e cancelou os pedidos que as formigas tinham feito. Mariana: Não tinha uma opção "formigas invadiram o meu Kindle e estão fazendo escolhas literárias pesadas". Não tinha essa opção, então só coloquei que tinha comprado errado.

Natália Silva: Depois de botar fim nas compras, a Mariana decidiu adotar medidas drásticas pra acabar com as formigas: ela tirou o Kindle do pote de arroz e botou dentro do congelador. Funcionou. Pra ela, né... porque pras formigas foi o fim. As que ainda estavam lá dentro morreram congeladas, e o aparelho voltou a funcionar. O que sobrou foi essa história pra contar.

Sem imaginação, seria mais uma história qualquer sobre uma infestação de formigas. Que, por acaso, escolheram um lugar incomum pra se enfiar. E, por outro acaso, conseguiram comprar livros. Que também por acaso eram esquisitos. Sem imaginação, seria só uma sequência de eventos aleatórios, sem significado nenhum.

Mas a nossa capacidade de imaginar é uma das coisas que faz da gente humano. Que nos diferencia dos robôs do Asimov e das formigas da Mariana. Elas não estavam querendo dar lição nenhuma entrando ali naquele burquinho. Elas foram movidas pelo instinto de sobrevivência. O meu instinto, o da Mariana e o seu instinto de sobrevivência é mais sofisticado do que isso. Além de viver, a gente precisa encontrar um significado pro que acontece.

Branca Vianna: Essa foi a Natália Silva, produtora da Rádio Novelo.

Pra quem tem nervoso de formiga, eu juro que não tem mais nenhuma nas próximas histórias. Pode imaginar que os frades maranhenses mandaram elas saírem do episódio, e elas foram marchando lá pra longe.

Mas tem um fio que conecta o primeiro com o segundo ato. Um fio que tem a ver com a nossa insistência em ver bicho como gente. E o bicho da vez, desse próximo ato, é um tipo que eu sou apaixonada. E quem conta é outra apaixonada, a Bárbara Rubira.

ATO 2

Vídeo do Instagram “viralatacaramelo”:

Carla: Bambs! Mostra o que você quer.

[patinhas caminhando]

Botão: Carinho!

Carla: Você quer carinho, meu amor? Carinho, meu amor?

[cachorro Bambino boceja enquanto Carla faz carinho]

Carla: Que delícia! Muito bem!

Bárbara Rubira: Eu vou tentar descrever mais ou menos o que tá rolando no vídeo: essa que está falando é a Carla, tutora do Bambino – um vira-lata caramelo. Aliás, o arropa dele nas redes é "viralatacaramelo", tudo junto. A Carla tá filmando ele de cima, eles tão dentro de casa...

E, num cantinho no chão, encostado na parede, tem um tapetinho marrom. Parece um pedaço de papelão. E, em cima desse tapete, tem nove botões de várias cores diferentes. Os botões devem ter um pouco menos de 10 centímetros de diâmetro. E são redondos, tipo aqueles que você não deve apertar num desenho animado pra evitar uma explosão.

Daí, quando a Carla pergunta pro Bambino o que que ele quer, ele vai até o tapetinho e aperta, com uma das patas da frente, um botão verde. Desse botão, sai o som de uma gravação da voz da própria Carla, dizendo "carinho".

E aí, a Carla estende a mão que não tá segurando o celular pra fazer carinho nele, claro. Quem é que ia dizer não pra um pedido desse?

Carla Pires: O que que eu ia falar? Eu sou a Carla. Carla Pires. A minha formação é como historiadora da arte, mas hoje em dia estou 100% dedicada aos perfis dos meus cachorros nas redes sociais.

Bárbara Rubira: O Bambino não foi o cachorro falante que eu vi naquela madrugada rolando vídeos. Porque depois que eu terminei de ver todos os vídeos daquela primeira cachorrinha, o meu algoritmo entendeu que aquela era a obsessão da vez. E aí começaram a aparecer pra mim vários outros cachorros fazendo a mesma coisa. Cachorros de raças diferentes, em lugares diferentes do mundo. E aí que eu entendi que estava rolando uma moda dos cachorros falantes.

Eu fui conhecer os vídeos da Carla com o Bambino só tempos depois, já totalmente obcecada com a coisa.

Carla Pires: Eu comecei com... Eu gravei a palavra "comer" em um botão, e falava para ele dar a patinha com o botão de comer na minha mão. E quando o som saía, eu dava um petisquinho para ele. Essa foi a primeira coisa que ele aprendeu.

E aí, depois desse, é... O botão de passear, eu acho que eu instintivamente fiz mais essa coisa de modular o comportamento que eu mesma apertava o botão de passear toda vez, deixava ele do lado da porta e apertava toda vez antes da gente sair. E assim ele aprendeu. E o terceiro que a gente ensinou foi o de brincar, acho... Ah, não, foi carinho!

Bárbara Rubira: A Carla e o noivo dela, o Matheus, adotaram o Bambino quando ele era bem filhotinho — tinha uns 2 meses. Ele tava rondando pelo campus da Unifesp, a Universidade Federal de São Paulo, onde eles estudavam na época. Isso foi há seis anos.

Carla Pires: Eu comecei a usar bastante o TikTok assim, um pouquinho antes de começar a pandemia e... Vendo os vídeos das outras pessoas, eu tinha muita vontade de fazer com o Bambino, porque eu acho ele muito engraçado. Ele é um cachorro... Como ele é muito... Ele é muito ativo, curioso e ele fica entediado e ele pede coisas da gente... Eu acho ele uma figura, assim. E aí comecei a ficar com vontade de fazer vídeos com ele. Sei lá, comecei a fazer assim e acho que relativamente meio rápido, a gente começou a ganhar seguidores, eu comecei a perceber o interesse das pessoas e aí foi embora, né.

Bárbara Rubira: No começo, os vídeos que a Carla fazia do Bambino eram de coisas do dia a dia. De brincadeiras dela com ele e de comportamentos engraçados que ele tinha...

E o Bambino começou a fazer sucesso, virou estrela no Tiktok. O negócio dos botões surgiu só depois.

Carla Pires: Apareceu na internet os vídeos da Stella. Que... o perfil dela é Hunger for Words. A Stella é uma... É a cachorrinha de uma fonoaudióloga... Eu acho que ela é americana, eu sempre esqueço.

Bárbara Rubira: É americana, sim. Essa fonoaudióloga se chama Christina Hunger. A Christina Hunger e a cachorra dela, a Stella, não inspiraram só a Carla e o Bambino. Ao que tudo indica, elas foram as grandes precursoras dessa moda dos cachorros falantes.

A Christina trabalhava principalmente com crianças no espectro autista, que tinham algumas dificuldades na comunicação verbal. E pra estimular e desenvolver as habilidades de linguagem dessas crianças, a Christina aplicava no trabalho dela várias ferramentas da chamada A-A-C — que é uma sigla em inglês pra "comunicação alternativa e aumentativa". Aumentativa, porque acrescenta à linguagem falada.

E alternativa, porque são estratégias e métodos que podem ser usados no lugar da fala.

A AAC engloba várias coisas — inclusive coisas que a gente usa no dia a dia pra se comunicar e nem percebe, tipo gestos e expressões. Mas aqui, a gente vai focar nos tipos de AAC assistida. Que usa recursos e ferramentas externas.

Essa caixinha também é bem ampla: existem vários tipos de ferramentas, de complexidade tecnológica maior ou menor.

Um exemplo: sabe aquele computador que o Stephen Hawking usava pra se comunicar? Isso é uma ferramenta de AAC.

Na prática dela, a Christina trabalhava principalmente com softwares de AAC em tablets. Os programas tinham lá um vocabulário enorme de palavras que podia ser acessado pela Christina e pelo paciente na tela do tablet por meio do toque.

Carla Pires: E quando ela adotou a Stella, ela reparou que ela dava os mesmos sinais que uma criança dá quando ela tá pronta para começar a falar as primeiras palavras.

Bárbara Rubira: A Christina adotou a Stella em 2018. E ainda no período de adaptação, ela foi identificado na cachorrinha comportamentos que, em crianças pequenas — e humanas —, eram sinais de que tá chegando a hora de começar a falar.

Por exemplo: quando a Christina e o namorado falavam com a Stella, ela sempre virava a cabeça na direção deles. Quando a Stella queria chamar a atenção deles, ela vocalizava — latia, resmungava... Quando a Christina chamava a Stella pra perto, batendo nas pernas ou só se agachando pra ficar no mesmo nível dela, a Stella entendia o chamado e corria pra ela.

Nada demais pra quem tá acostumado com cachorro, né? Mas, por causa do trabalho da Christina com as crianças, essas coincidências no desenvolvimento humano e canino deixaram ela encucada. Se a Stella, ainda filhotinha, já tinha toda essa capacidade de comunicação, qual era o potencial que ela tinha pra ir além?

Bom... falar, a Stella não ia. Aí já era querer demais.

Mas será que ela não podia aprender a se comunicar de outro jeito? Com uma ferramenta de AAC, talvez?

Carla Pires: E aí deu esse click nela e ela resolveu testar esses botões com a cachorrinha e deu super certo.

Bárbara Rubira: A Christina não inventou os botões. Eles já existiam, já eram usados com gente mesmo. E ela escolheu os botões porque... Bom, não ia ter como a Stella usar a touch screen de um tablet, né?

E aí ela foi aplicando com a Stella técnicas que ela tinha aprendido na formação e usava no trabalho como fonoaudióloga.

Primeiro, ela precisava escolher bem as palavras. Tinham que ser termos que a cachorra reconhecesse.

Se você tem um cachorro em casa, você vai entender. Talvez você não possa nem conjugar o verbo "passear" que o bichinho entra em frisson. Ele já associa uma coisa à outra — a palavra "passear" ao ato de passear, no caso. Mas provavelmente ele não reage do mesmo jeito se você falar em, sei lá, "caminhar".

No botão, tem um gravadorzinho embutido, que permite que o tutor grave a própria voz. Então, o cachorro consegue reconhecer o som daquela palavra com a voz, a entonação, o sotaque que ele já conhece. Aí vem o desafio de associar o botão à coisa. A Christina começou apertando ela mesma cada vez. E sendo bem paciente, esperando a Stella tomar a iniciativa de apertar sozinha o botão.

E, de fato, deu certo. Não foi da noite pro dia, claro. Foi um processo longo e bem documentado num livro que a Christina Hunger publicou anos depois. O livro chama "How Stella Learned to Talk" — "como a Stella aprendeu a falar".

O primeiro botão que a Stella aprendeu a usar dizia "outside" — tipo "lá fora". A Stella não fazia xixi dentro de casa. Aí a ideia era que ela pudesse usar o botão pra pedir pra abrirem a porta dos fundos, pra ela poder se aliviar no quintal.

Depois ela foi aprendendo outros: "água", "brincar", "comida"... Por aí vai. E, em algum momento, a Christina começou a compartilhar essa evolução da Stella na internet. Foi aí que a coisa explodiu.

Carla Pires: E aí quando eu vi um vídeo desses, eu na hora pensei no Bambino, porque como ele é muito desse jeito... Por exemplo, agora ele está aqui no fundo resmungando. Ele é falador, ele fica entediado, e aí... ele faz muito contato visual, faz muita vocalização. Você percebe que ele quer coisas e que ele quer expressar o que ele quer. Então por isso que eu achei que os botões seriam uma boa e que ele muito

provavelmente aprenderia. E, realmente, né? E aí hoje em dia ele adora mandar na gente, fala: "Vai, me dá comida, me leva pra passear".

Bárbara Rubira: É essencialmente isso que a gente faz quando a gente adentra, a dar a pata, sentar... É a mesma e o mesmo princípio, digamos, é isso?

Naila Fukimoto: É! O princípio é o mesmo. O conceito que está por trás é exatamente o mesmo, condicionamento operante. Condicionamento clássico e operante.

Bárbara Rubira: Essa é a Naila Fukimoto.

Naila Fukimoto: São conceitos da psicologia, né, você induz o cachorro ou você captura um comportamento que ele tem naturalmente, tipo de apertar com a patinha ou encostar o focinho, ou você induz ele a fazer isso, de forma sempre muito positiva. E aí, ele fazendo, você recompensa. Então ele vai emitir ali uma resposta e você vai recompensar essa resposta. E aí a tendência é aumentar a frequência desse comportamento. Né?

Bárbara Rubira: A Naila é psicóloga de formação e é mestre e doutoranda em comportamento animal. No doutorado dela, no Instituto de Psicologia da USP, ela pesquisa a comunicação entre humanos e gatos. Mas ela trabalhou por muito tempo com adestramento de cães.

Bárbara Rubira: E acho que essa recompensa, ela não vem só também do petisco, ela vem na pessoa fazendo festa e falando "parabéns" e ficando feliz. Acho que isso, eles percebem isso e isso também serve como recompensa de certa forma, né?

Naila Fukimoto: É, a recompensa, a gente sempre fala que assim, a recompensa não necessariamente é comida, mas a recompensa... É porque a comida ela é muito... pra treinar, ela é muito de fácil manipulação, então você pica mil pedacinhos e vai fazendo. Mas dependendo do animal e da relação que você tem, um carinho pode

ser muito recompensador. Fazer festa, falar "ê, muito bom, parabéns!". Falar com uma vozinha mais assim que a gente sabe que chama a atenção dos cães. Então tudo isso pode ser recompensa sim.

Bárbara Rubira: Eu quis falar com a Naila pra entender, por uma perspectiva mais científica, como funcionava o processo de ensinar um cachorro a usar esses botões pra se comunicar.

Mas eu também tinha um outro motivo: é que, depois de um tempo, a minha obsessão com os vídeos dos cachorros falantes chegou a uma reviravolta.

No começo, eu estava achando uma graça. Primeiro porque é muito fofo um cachorro apertando um botão com a patinha, vai. Mas também porque parecia genial! Um jeito ótimo da gente poder se comunicar melhor com os bichos com quem a gente convive. Mas aí as madrugadas foram passando, e os vídeos que me apareciam foram ficando diferentes.

Lembra daquele tapetinho que eu descrevi no vídeo do Bambino? Ali tinha 9 botões. Com palavras relativamente simples: o nome dos tutores dele. Tinha lá um botãozinho que dizia "Carla", por exemplo. Aí tinha "comida", "carinho", "passear", "brincar". Termos que parecem bem normais pra um cachorro associar o nome à coisa... e pedir, né?

Mas aí a coisa foi escalando. Começaram a aparecer pra mim vídeos de cachorros que tinham... dezenas de botões. Coisa de 50, 60...

Aí o meu lado mais cético começou a soar um alarme. Entre 50 botões, será que tinha jeito do cachorro saber mesmo o que é que cada um dizia? De lembrar qual era o botão certo que ele precisava apertar pra pedir determinada coisa?

Naila Fukimoto: Pra cães, já tem um monte de pesquisas, por exemplo, falando que eles... é... Claro, tem todo um processo de aprendizagem envolvido com determinadas palavras. Então, você repete, repete, repete com acontece um condicionamento ali clássico, condicionamento operante, e esse animal entende que aquela palavra

significa aquela, aquele ato. Mas tem também algumas pesquisas que estão fazendo distinção de palavras. Então, por exemplo, até com... Tem algumas só mais comportamentais. Então alguns cachorros, por exemplo, é que sabem sim mais de mil palavras, por exemplo, para buscar um determinado brinquedo, então ele sabe o nome de mais de mil brinquedos, por exemplo.

Bárbara Rubira: Esse tal cachorro que sabia o nome de mil brinquedos diferentes era o Chaser, um Border Collie que foi treinado pra isso desde filhotinho por um professor de psicologia comportamental, nos Estados Unidos.

Foi um processo que levou anos, e que foi documentado pelo professor e publicado em algumas revistas do ramo da psicologia. Então, vai: é possível que um cachorro memorize algumas dezenas — até centenas — de palavras.

Mas eu ainda tinha outras dúvidas: nesses vídeos mais avançados, os cachorros não estavam só apertando um botão pra pedir uma coisa e pronto. Igual lá no começo: apertou "carinho", tá pedindo carinho. Ok.

Eles apertavam vários botões em sequência. Como se eles tivessem formando frases. Às vezes eram frases, mesmo! Orações, com sujeito e predicado. Tipo: em vez de apertar só "brincar", era: "Stella"... "quer"... "brincar".

Youtube hungerforwords:

Cachorra Stella aperta "Stella" "want" "play" e "outside", em sequência.

Naila Fukimoto: Quando a gente junta mais de uma palavra, já existem... Existe já uma evidência de juntar duas palavras. Então é um verbo de "pegue" a bolinha tal. É... Alcance tal coisa. Então são, são... Já é muito mais complexo porque é a junção de duas palavras, um verbo... geralmente um verbo e um outro substantivo. É possível também? É. É mais complexo e é muito mais difícil de ensinar. Mas é possível que eles consigam entender, né? Ainda mais com a voz do tutor e tudo mais. Quando a gente já começa a juntar três ou mais coisas, palavras,

sentenças um pouco mais complexas. Aí assim... Cientificamente a gente ainda não tem resultados, a gente não tem ainda muitas evidências disso.

Bárbara Rubira: Ok. Juntar palavras: complexo, porém possível. Quando a gente fala de duas palavras, já tem evidências. Agora, de três pra cima, que é ainda mais complexo, ainda faltam dados.

Naila Fukimoto: Eu não quero ser totalmente cética no sentido de que... Os animais têm comportamentos e formas de comunicação que são extremamente complexas. Então, a gente que estuda isso, a gente sabe que tem ali um monte de mecanismo que a gente mal conhece ainda, mas que a gente sabe que eles são capazes de aprender muitas coisas. E eles têm também um mecanismo intrínseco da comunicação deles, entre eles e com a gente também. E pensando que somos espécies completamente diferentes. Então existem mecanismos já conhecidos de comunicação que cães emitem para a gente, né, basicamente. Até onde a gente tem evidência mesmo do que que tá acontecendo ali, é isso. Eles conseguem fazer algumas associações de alguns verbos com alguns substantivos, isso sim. Mas não palavras, frases complexas e muito menos no tipo de pensamento, que é o que a gente cria, né, e que a gente faz e a gente fala.

Bárbara Rubira: É aí que mora a maior das pulgas atrás da minha orelha.

Memorizar palavras: ok, possível! Juntar palavras: complexo, mas, até certo ponto, também possível.

Mas vamos combinar uma coisa: memorizar e associar não são exatamente a mesma coisa que entender, né? E aqui eu falo de entender como a gente entende. A gente, animal humano. Como a gente entende e atribui significado às coisas.

Quem me deixou com essa pulga específica atrás da orelha foi outra cachorrinha: a Bunny.

A Bunny é uma das cachorrinhas falantes mais famosas. E não é à toa. De todos que eu já vi, o tapete de botões dela é o mais incrível. Até visualmente mesmo. É uma coisa meio geométrica, uns hexágonos coloridos encaixados um no outro. E os botões são um pouco menores que o normal, com desenhos em cima ilustrando a palavra correspondente. E são muitos. Muito mais do que aqueles 9 do tapete do Bambino.

A tutora dela, a Alexis Devine, disse ao New York Times em 2021 que a Bunny já aprendeu 92 palavras. Noventa e duas. Em inglês. Olha só que cachorro inteligente, fala até inglês! Brincadeira. No caso, é porque a Bunny e a Alexis são dos Estados Unidos mesmo.

E os vídeos da Bunny têm uma coisa que me chamou a atenção: eu já falei aqui de cachorro que aperta botão pra pedir pra comer, pra ir no jardim, pra ganhar carinho... E não é que a Bunny não faça isso. Ela faz tudo isso, também.

Mas ela faz outras coisas. Tipo... Com os botões a Bunny fala sobre os sonhos dela. Os sonhos. Tipo, de dormir e sonhar. Cachorro sonha. Se você tem ou teve cachorro em casa, cê já deve ter visto ele se contorcendo, latindo, às vezes até meio chorando enquanto tá dormindo.

A Bunny tem um botão que diz "dream". Sonho. A Alexis, a tutora, usa o botão pra perguntar sobre os sonhos dela, e a Bunny usa esse e outros botões pra responder.

Quando eu vi isso pela primeira vez, eu fiquei muito impressionada. Pô, trocar ideia com o cachorro sobre sonho. Imagina o que que isso ia fazer pelo campo da psicanálise canina?

Mas pensa comigo: falar com um cachorro sobre sonhar me parece bem mais complexo do que falar de passear, né?

Quando eu falo pra você (um outro ser humano) de sonho, vem na sua cabeça um conceito, né? O conceito de sonho, que você conhece.

Mas será que a Bunny sabe o que é um sonho? Porque... do botão, sai um som. Um som que, pra gente, corresponde a uma palavra. E uma palavra que corresponde a um conceito.

Mas quem atribui esse conceito, esse significado, ao som, é a gente. Eu não tenho como saber o que o som da palavra "sonho" significa pra um cachorro. Se é que, de fato, significa alguma coisa.

Tem um trecho do livro da Christina Hunger, a fonoaudióloga, que eu achei interessante. Ela está falando sobre o período em que a Stella, a precursora dos cães falantes, começou a usar um botão que dizia "love you" — te amo.

Abre aspas: "Não me preocupei se "te amo" significava exatamente a mesma coisa pra mim e pra Stella. É impossível saber se qualquer palavra evoca o sentimento idêntico entre múltiplas pessoas diferentes, muito menos entre humanos e caninos". Fecha aspas.

Ela tem um ponto. Eu não tenho como saber se uma coisa tem o mesmo significado pra mim do que tem pra você. Mas pelo menos a gente fala a mesma língua, né? Pelo menos a gente é da mesma espécie!

Vamos dar uns passos pra trás aqui: a cachorra não tá de fato dizendo nada, né? Ela tá apertando um botão. Que é uma coisa pra qual ela foi treinada, condicionada a fazer. Quem interpreta tudo isso, quem dá significado a cada um desses botões, e ao ato de apertar cada um deles, é a gente. A gente, humano. Ali, ao vivo, interagindo com eles, ou assistindo um vídeo dessa interação de madrugada, deitada na cama.

Por isso, é difícil saber se aquela interação tá, de fato, comunicando alguma coisa. Alguma coisa com sentido, com contexto, com significado.

Ou se... aqueles botões que o cachorro tá usando pra "conversar" sobre o sonho forem só isso... Botões. Que talvez ele pressione aleatoriamente na tentativa de ganhar uma recompensa. Uma recompensa que pode ser um biscoito, um carinho, uma fala mais animada...

É aquela coisa: mesmo um relógio parado tá certo duas vezes por dia. Às vezes aquela sequência de botões pode ser só isso: um relógio parado. Mas que, pra gente, naquela leitura, acabou fazendo sentido. Ainda mais quando a gente quer muito que faça sentido. Quer muito acreditar que aquilo é verdade.

A Christina Hunger pode ter inventado essa coisa de cachorros e botões, mas a ideia de tentar colocar uma linguagem na comunicação entre humanos e outras espécies de animais tem fascinado a gente há tempos.

Há mais de um século, teve um bicho de outra espécie que ficou famoso pelas habilidades cognitivas impressionantes dele. Era um cavalo alemão: o Hans. Der Kluge Hans — o Hans esperto —, foi como ele ficou conhecido.

Na primeira década do século vinte, em 1900 e pouco, o Hans ficou famoso como o cavalo que sabia contar. O tutor dele dizia que o Hans conseguia fazer várias operações aritméticas: soma, subtração, multiplicação, divisão... e umas outras coisas também.

E o Hans, claro, não falava. Ele era um cavalo. Mas ele fazia mais ou menos assim: quando apresentavam um problema ou uma operação matemática pra ele, ele respondia batendo a pata no chão o número de vezes correspondente ao resultado.

Tipo: "Quanto é $2 + 2$?". E o Hans ia lá, batendo a pata no chão... uma... duas... três... quatro vezes.

Na época não tinha TikTok, óbvio. Mas a coisa virou um espetáculo mesmo assim. A galera ia ao vivo pra ver o Hans esperto, o cavalo genial.

A coisa começou a desandar em 1907, quando um psicólogo decidiu investigar o fenômeno.

Naila Fukimoto: E, na verdade, sem querer, o treinador ali estava emitindo sinais sutil, sutis, de que era de quando o cavalo deveria parar

de contar, por exemplo. E aí ele conseguia respostas corretas do cavalo, que o cavalo sabia contar.

Bárbara Rubira: Eram sinais sutis mesmo. Tipo, coisa de respiração, expressão facial e corporal...

O Hans começava a bater a pata no chão e observava as reações do treinador e de quem estava em volta. Todo mundo tenso, ansioso. Quando ele chegava no número certo... relaxavam. E ele, claro, percebia. Assim ele sabia exatamente a hora de parar de contar. Aquela coisa: resposta e recompensa.

Naila Fukimoto: Então, a gente sempre fala desse fenômeno em comportamento animal e a importância de você ter um protocolo muito bem estabelecido, de um método muito bem estabelecido pra você coletar dados que não estejam sendo enviesados por uma série de coisas, que podem estar acontecendo sem o tutor perceber, às vezes. Né? Ou o tutor tá indicando alguma coisa, mas que na verdade, pra ele aquilo não tem importância. E pro cão... ele percebe um sinal sutil de que aquilo quer dizer aquilo, que ele quer que ele peça aquela coisa naquela hora.

Bárbara Rubira: Aqui tem um ponto importante: não é que o treinador do Hans esperto fosse um charlatão, uma fraude. Que ele estava lá, dando uma piscadela pro cavalo pra tentar enganar a plateia. Ele mesmo provavelmente nem se dava conta do que estava fazendo. De que ali, naquele momento, ele estava emitindo sinais comunicativos que, pro cavalo, diziam tudo. Como um sinal que você emite pra um cachorro quando ele aperta um botão.

Naila Fukimoto: A gente pode dar vários sinais involuntários do que a gente quer. Então, mesmo assim, sei lá, tá chegando no botão que eu quero que você aperte. Aí eu já fico mais animada. Por exemplo, isso já é um sinal. Né? Involuntário, talvez, porque eu fiquei... já mudei um pouco o olhar ou já mudei um pouco minha feição facial. Cães são muito bons em leitura facial. Então, assim, de um sinalzinho, de uma mudança de olhar, de uma mudança de uma boca mais sorridente pra uma menos sorridente. Eles são capazes de compreender isso, a gente

já sabe. Tem um fenômeno que se chama antropomorfização, que é muito discutido na área de comportamento animal e que sempre vem e volta assim.

Bárbara Rubira: Antropomorfização é o ato de dar forma ou características humanas.

Naila Fukimoto: Tem coisas boas e coisas ruins, além de a gente saber que esses animais são animais sencientes que sentem dor e frio e fome e etc. Que eles estabelecem relações complexas com a gente. =Outro lado positivo também disso é a gente entender que esses animais têm várias capacidades que a gente ainda não conhece deles. Então a gente nunca... Eu não estou duvidando que o cão saiba apertar cinco botões, dez botões. A gente sempre dá esse benefício... Não, eles são, eles são animais que estão ali, convivendo com a gente. Têm uma capacidade enorme cognitiva. Então, por esse lado, é um lado positivo da gente olhar e falar esse fenômeno está acontecendo e ir lá estudando uma forma sistemática. E tem a parte negativa da antropomorfização, que é mais esse lado da gente achar, numa perspectiva humana, que eles estão sentindo como nós. Então eles têm, por exemplo, ciúmes. Ciúmes é super debatido também dentro da área. Então, ciúmes? Mas aí ciúmes é um sentimento humano, É um sentimento secundário, humano. Será que eles sentem da mesma forma? Isso a gente ainda não sabe dizer. Tem comportamentos que podem ser parecidos com o de ciúmes. Então uma disputa de recurso, por exemplo. Então a gente pode falar nossa, está com ciúmes de tal coisa. E não é ciúmes. Então a gente colocar sentimentos muito humanos para esses animais. Isso pode ser prejudicial, porque aí a gente vai ter a leitura, por exemplo, de que "ah, ele sabe que fez coisa errada. Ele sabe que... Ele fez isso de propósito pra me pirraçar", esse tipo de coisa. Então esse lado aí é mais negativo de antropomorfização, porque você olha pro seu animal, você fala como ele é muito inteligente, ele realmente eles realmente são. Você olha e fala: "Ele sabe sim que ele fez a coisa errada "e às vezes não. Às vezes você está passando um monte de sinais faciais ali para o cão naquele momento, e o cão tá entendendo que ele tá numa postura assim mais "nossa", de

medo talvez. Não de que ele fez de propósito somente para te tirar do sério.

Bárbara Rubira: E como você acha que é possível, se é que é possível, a gente diferenciar um fato, digamos, algo que está acontecendo, um comportamento que está acontecendo, dessa interpretação humana sobre esse fato?

Naila Fukimoto: Eu acho que vai... Precisa de pesquisa para começar a falar sobre esse assunto, porque até agora, se você perguntar para qualquer pesquisador da área de comportamento animal. Claro que tem tem tem opiniões pessoais de achar legal ou não achar legal... Eu tenho um pé atrás com isso, mas porque é isso. Porque eu não tenho nenhum dado ainda.

Bárbara Rubira: Ok, agora que eu estraguei a brincadeira, eu tenho uma boa notícia: A gente não tem dados ainda. Mas deve ter, num futuro próximo.

Em 2020, começou na Califórnia um projeto de pesquisa chamado They Can Talk: "eles podem falar".

A iniciativa surgiu de um cara chamado Leo Trottier, que é formado em ciência cognitiva, e que trabalhava com produtos pra pets. Aí ele se juntou com o Federico Rossano, professor da Universidade da Califórnia em San Diego.

Juntos, eles tão coletando dados de voluntários que registram as interações que os cachorros deles têm com os botões de fala.

E aí, eu não tô falando de vídeos no TikTok, mas de gravações contínuas mesmo, horas de registro. A ideia é que tenha método, parâmetros definidos pra poder analisar esses dados por uma perspectiva científica.

No site do projeto, eles dizem o seguinte: abre aspas. "O objetivo da nossa pesquisa é descobrir: o que estamos vendo são cães espertos ou apenas Hans esperto? Fecha aspas.

O objetivo do projeto é entender se os cachorros apertam botões porque aprenderam – de maneira associativa – a responder estímulos de humanos ou se a gente vai ter que reconsiderar a ideia de que a linguagem é uma habilidade "exclusivamente humana". Quer dizer: se, com os botões, a gente tá vendo alguma mudança no tipo e na complexidade das comunicações dos animais não humanos (principalmente dos cachorros).

Naila Fukimoto: Isso é de enorme importância. E assim, esses estudos mais sistemáticos, porque muitas vezes a gente tem um fenômeno acontecendo de forma anedótica e a gente ouve isso acontecer e a gente ouve de uma pessoa e de outras, e aí hoje em dia, com TikTok, etc, isso se alastra muito mais rápido e tudo mais. E o que a observação mais sistemática disso vai dizer é se não está existindo, por exemplo, nenhum sinal oculto do que está sendo pedido ali para o cão, por exemplo. Tô ansiosa pelos resultados lá do pessoal da Califórnia.

Bárbara Rubira: É claro que ainda vai demorar algum tempo pra gente ter esses dados, ter essa pesquisa publicada, revisada pelos pares, e tudo o mais.

Naila Fukimoto: De certa forma, é legal? É legal, o botão ali que a gente aprende uma coisa nova. No sentido de interação, é legal. Você está ensinando algo novo, como se fosse um truque novo. Uma maior interação entre cão e tutor, ela pode ser muito benéfica. Então o tutor tá lá, animado, tentando ensinar algo novo pro seu cachorro. Isso é muito bom cognitivamente para o cachorro. Isso é muito bom pra relação entre tutor e cão, então tem vários benefícios envolvidos nesse sentido de que vai melhorar o tempo dos dois juntos. Vai, tá. Vai acontecer uma melhora cognitiva para o cão e etc. Então, por esse lado pode ser interessante. Deixa de ser interessante quando a gente diminui o nosso olhar para comportamentos comunicativos que os cães já emitem e a gente presta atenção ou não presta atenção. Por exemplo, pra gente passa a, sei lá, tentar se comunicar com o cão somente com os botões, por exemplo, sabe? Ou favorecer uma comunicação com os botões ao invés de favorecer um outro tipo de comunicação que talvez seja mais interessante para o cão, porque o

cão vai emitir sinais de comunicação. A gente vai precisar ter muito mais evidências sobre isso e... pra entender também o quanto que os cães, se a gente for falar de maioria de cães, é como começar todo mundo a usar isso. Por exemplo, o quanto que eles estão sendo beneficiados também nessa interação. Porque não pode ser uma interação que a gente começa a usar só beneficiando a gente. A gente precisa pensar no bem estar para eles.

Bárbara Rubira: Nesse meu mergulho profundo na história dos cachorros falantes, eu comecei a pesquisar outros vários casos emblemáticos dessa coisa da gente tentar falar com as outras espécies de animais. Ou tentar fazer com que eles falem de volta com a gente, no caso.

São muitos. A gente já tentou muitas vezes. E tem tentado há muito tempo.

Quase sempre numa tentativa de fazer eles se comunicarem do jeito que a gente se comunica. Como se fosse um jeito melhor de se comunicar. Como se fosse o jeito certo.

E é engraçado, porque, nessa brincadeira, a gente acaba ignorando formas de comunicação que são super complexas. Tão complexas e eficientes que elas funcionam sem que a gente nem se dê conta.

Naila Fukimoto: Então eu acho que cabe a nós também humanos, entenderem que eles já estão se comunicando e aceitar que a comunicação não é a mesma. E sempre penso que a gente precisava olhar mais para a forma que eles se comunicam. E aprender essa forma. Eu acho muito mais interessante, assim, como pessoa e como pesquisadora, olhar o que que eles estão querendo dizer da forma que eles já dizem, né? Então a gente entender postura corporal, linguagem facial, linguagem do corpo, o que cada parte do corpo quer dizer em conjunto, que que ela quer dizer, pra gente entender cada vez mais o que eles tão "dizendo", entre aspas, assim. E aí a comunicação melhorar, ao invés de só inserir um elemento humano praquela

relação. Né? A gente pode olhar para outras coisas. Então... Olhar para a forma que eles comunicam já. Eles já estão ali tentando.... Eu acho, eu sempre falo isso aqui. Com certeza eles tão tentando se comunicar com a gente de diversas formas, sabe? Cão ainda por cima, que é esse bicho que fica muito... tem essa relação muito complexa com a gente, muito próxima, né? Então o cão está tentando ali o tempo todo. Por que é que a gente está ignorando isso pra entender, pra gastar tempo ensinando outras coisas? Porque eu quero que ele fale como humano, em linguagem e tal. E com certeza ele tá ali tentando tanta coisa e a gente está assim... Nem olhando, sabe?

Branca Vianna: Essa foi a Bárbara Rubira, produtora da Rádio Novelo.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta. E eu peço desculpas pela minha voz anasalada porque eu tô super gripada.

Aliás: a história das formigas que abriu o episódio de hoje foi apurada originalmente pra nossa série Crime e Castigo – mas, pra tristeza inenarrável da Flora Thomson-DeVeaux, acabou não entrando no roteiro final. Se você ainda não ouviu Crime e Castigo e quer saber quem venceu a queda de braço com as formigas no banco dos réus, não deixa de ir lá. São seis episódios sobre o que a gente entende por justiça, e pra que que ela serve.

Você já sabe que, toda semana, a gente posta algum material extra do episódio no nosso site. Essa semana, tem uma bibliografia cuidadosamente selecionada pela Bárbara Rubira sobre cachorros falantes, o site do projeto que está pesquisando o fenômeno, e, claro, o perfil do Bambino. Se você ouve a gente no Spotify, dá pra deixar um comentário lá depois, contando o que você achou.

Mas seja qual for o aplicativo que você usa, não deixa de seguir a gente pra não perder nenhum episódio. A gente também tá no Twitter e no Instagram, no @radionovelo.

Se você quiser mandar alguma sugestão de história, tem uma página lá no nosso site que explica que tipo de pauta a gente procura. Tá lá no menu, no botão: “envie uma pauta”.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Toda quinta-feira tem episódio novo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Evelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Júlia Matos e a Natália Silva.

A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos e pelo Bruno Lima.

A gente teve o apoio de montagem da Mariana Leão.

A mixagem é do Pipoca Sound.

Nesse episódio, a gente usou música original de Luna França e também da Blue Dot.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.